



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Elêusis .. Setembro de 2016 .. nº 211



O mito de Deméter e Perséfone

Por Mirella Faur

“Uma filha, jovem e muito amada, é raptada de perto da sua mãe por um poderoso governante, conhecido pelos seus atos malvados. A mãe desesperada sai à procura da filha e descobre que o rapto tinha resultado de um acordo entre o supremo chefe religioso e o raptor, sendo que o primeiro era o pai da jovem e o segundo, seu tio materno. Determinada a buscar justiça, com a revolta e a dor devastando sua vida, a mãe inicia um longo e eficiente protesto contra as autoridades, que resulta na volta da filha, traumatizada, mas viva e forte o suficiente para transmutar a sua dolorosa vivência, aceitar e cuidar do seu filho, concebido na escuridão da sua prisão.”





Este relato - de um fato comum no nosso cotidiano atual - descreve a trama mítica de uma antiga história grega, que deu origem a um complexo ritualístico pagão, iniciado no segundo milênio a.C. e praticado durante pelo menos 1500 anos, até mesmo após o advento do cristianismo. A mãe descrita no drama era *Deméter*, a deusa dos grãos, cujas dádivas eram essenciais à sobrevivência humana; a filha era a donzela *Kore*, raptada por *Hades*, o Senhor do Mundo subterrâneo e que retornou como *Perséfone*, a “Rainha do Mundo dos Mortos”. O drama encenado e consagrado pelos “Mistérios Eleusínios” não representava apenas a felicidade do reencontro e a recuperação de uma mãe e filha após um trauma, mas a visão transcendental da morte e do renascimento, simbolizada pela volta de *Perséfone* do mundo subterrâneo e sua transformação em *Brimo*, “Senhora dos Mistérios”, grávida de *Brimos*, o filho da luz concebido na escuridão.

Para os povos antigos este mito era a vívida e real dramatização do conflito e da oposição entre vida e morte e sua conciliação final pela aceitação e transcendência. A Morte aparece como o raptor e violentador da vida, que irrompe de repente das profundezas do mundo escuro e desconhecido, arrancando e levando consigo não apenas velhos e doentes, mas também ceifando vidas jovens e

promissoras. A dor e o desespero humano perante as perdas são retratadas no luto e na revolta da Mãe Divina, que segue um caminho longo, difícil e tortuoso, saindo da raiva, do ódio e desespero para confronto, luta e a busca de uma solução, culminando com a aceitação e a transmutação das forças do caos e da morte pela iniciação nos Seus Mistérios.

O mito das deusas *Deméter* e *Perséfone*, que deu origem aos Mistérios Eleusínios – celebrados por todos aqueles que falavam grego e não tinham cometido nenhum crime – preencheu uma universal e eterna necessidade humana: ultrapassar o terror perante a morte e nutrir a esperança no renascimento. A importância simbólica dos Mistérios foi resumida pelo poeta Homero nesta frase: “*Feliz é aquele que dentre todos os homens vivenciou os Mistérios. Aqueles que não foram iniciados, nem deles participaram, não irão usufruir da mesma sorte quando vão morrer e mergulhar na tenebrosa escuridão*”. O poder sagrado dos Mistérios era tanto, que os antigos gregos acreditavam que, sem a sua celebração anual, a vida iria se tornar insuportável e não apenas a Grécia, mas toda a humanidade iria sucumbir.

No início do mito, *Kore*, alegre e despreocupada, estava colhendo flores, quando ficou atraída por uma estranha flor (o narciso), sem saber que ela era consagrada a Zeus e Hades. De repente, Hades apareceu em sua carruagem preta saindo das entranhas da terra e a pegou à força, levando-a para seu reino, a



fim de fazê-la sua consorte, sem buscar o consentimento dela ou da mãe. Ninguém ouviu os gritos de Kore além de Hécate, da sua gruta, e de Hélios, que tinha presenciado o rapto. Deméter, desesperada e sem saber o que tinha acontecido com Kore, saiu do Olimpo e iniciou uma busca incessante por ela, auxiliada por Hécate e perguntando a todos sobre seu paradeiro.

Entristecida e furiosa por não achar sua amada filha, Deméter retirou suas dádivas e bênçãos da humanidade, o que levou à aridez da terra, à seca e à fome. Preocupado com a carestia dos humanos, que pararam de fazer seus sacrifícios e oferendas aos deuses, Zeus enviou Helios para convencer Deméter a parar de chorar e se lamentar, aceitar Hades por ser um poderoso e rico genro (além de ser seu irmão), permitir à filha se tornar mulher e não mais mantê-la dependente de si.

Apesar desta intimação, Deméter não aceitou ser coagida; pelo contrário, ficou enraivecida com a convivência de Zeus, pai de Kore, com o rapto, e continuou a busca, mantendo-se firme na sua recusa de devolver a vida à terra. Disfarçada em uma mulher idosa e após uma longa peregrinação, Deméter foi parar na cidade de Elêusis, na corte real, onde, após alguns contratemplos, revelou a sua condição divina, ensinou os segredos da agricultura e deu ao povo a dádiva dos grãos, aconselhando a construção de um templo em Sua homenagem, para que nele fossem celebrados os Seus Mistérios.

Zeus acabou cedendo perante a dor de Deméter e as preces dos seres humanos e enviou Hermes para trazer Kore – agora transformada em Perséfone – de volta para a sua mãe. O encontro das duas deusas é o ponto alto do mito, chamado *heuresis*, assinalando o fim do sofrimento, o triunfo de Deméter em resgatar sua filha e a volta da abundância para a terra. Porém, antes de ela partir, Hades deu-lhe (ou a obrigou) para comer algumas sementes de romã, considerada a “fruta dos mortos”, além de ser um símbolo da fertilidade, fato que selou a sua união e a obrigou a voltar anualmente para o mundo subterrâneo, lá passando um terço do ano como consorte de Hades e “Rainha dos Mortos”, os restantes dois terços acompanhando sua mãe no mundo superior, como deusas da vegetação.

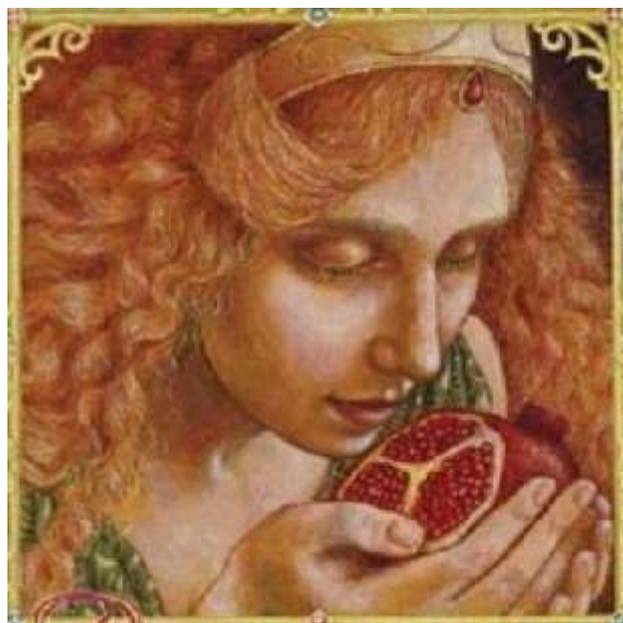
O mito do rapto de Perséfone e do desespero de Deméter representa o esforço coletivo de uma antiga cultura para enfrentar, mitigar e transcender o medo e o dilema

humanos perante a inexorabilidade da morte. Porém, ao mesmo tempo, ele descreve um evento histórico acontecido milhares de anos atrás, que ainda repercute em nossa existência até hoje. O rapto de Kore e o afastamento forçado da sua Mãe Divina retratam a usurpação e assimilação das religiões centradas no culto à Deusa do Sul da Europa antiga, pelas forças patriarcais invasoras, vindo do Norte e Leste europeu, trazendo consigo o poder da espada e os cultos dos deuses guerreiros.

Deméter e Kore pertenciam às milenares tradições nativas matrifocais europeias, enquanto Zeus e Hades faziam parte da hierarquia patriarcal posterior às conquistas. Ao longo de alguns milênios, a Nova Religião, com seus deuses dominantes e hierárquicos, se sobrepôs e depois assimilou mitos e símbolos da antiga tradição geocêntrica da Mãe Divina. Em vários mitos esta assimilação foi descrita e representada nas cenas de rapto, estupro, dominação e subordinação das deusas por deuses, que as transformaram em esposas ou amantes submissas ou filhas dóceis servindo aos seus propósitos. Desta maneira, o mito de Deméter e Perséfone pode ser interpretado como um drama descrevendo tensões e oposições históricas, religiosas, sociais e culturais, uma vívida demonstração dos conflitos de valores e conceitos entre o Masculino e o Feminino arquetípico.

O imaginário e a dinâmica deste mito podem ser interpretados por duas perspectivas opostas: pelo prisma da permanência milenar dos valores matriarcais ou como a escalada e o triunfo do patriarcado invasor, estabelecendo uma nova ordem religiosa e social. O ângulo depende dos conceitos, necessidades e compensações psicológicas de quem o interpreta, enfatizando alguns elementos e omitindo outros.

Na visão matriarcal – que é mais fidedigna ao significado original – a ênfase está no poder transformador do Feminino, o ponto central sendo a relação positiva entre mãe e filha e





excluindo o elemento masculino, que aparece de forma violenta e usurpadora, rompendo este elo. A Deusa prevalece neste drama, como Mãe resgata a filha dos braços do invasor e do reino da morte; como Filha ela transforma o usurpador, absorvendo na sua matriz o elemento masculino, gestando, transformando sua energia e dando à luz o filho, com uma nova forma de ser e agir. Neste processo, a transformação de Kore em Perséfone e a presença de Hécate ao lado de Deméter, confirmam a supremacia das faces integradas da Deusa Tríplice como filha, mãe e anciã.

Na visão patriarcal o tema central é a ascensão do poder masculino, que se apropria de elementos e atributos da Deusa e rompe para sempre os elos matrifocais. Deméter é vista como uma figura negativa, neurótica e possessiva, enquanto Hades é o libertador da filha ingênua de uma dependência materna limitante, despertando-a sexualmente (o rapto visto como uma "iniciação"), tornando-a consorte e rainha, e abrindo novos horizontes para a sua atuação.

Assim que a deusa se torna mãe do filho do conquistador, termina a supremacia da Mãe e Filha e é preparado o caminho para o nascimento da Nova Religião, em que se honra por algum tempo a dupla divina Mãe e Filho, substituídos depois pelo domínio do Pai e Filho. Este enfoque explica o predomínio dos comentários e das teorias patriarcais modernos – históricos e psicológicos –, que muitas vezes distorcem ou omitem aspectos do mito original, para validar valores e conceitos que fortalecem as estruturas patriarcais.

O nosso mundo atual enfrenta tanto o medo da morte – no sentido literário ou psicológico – quanto as manifestações nefastas e destrutivas do poder

patriarcal. A riqueza mítica e a relevância no nível psicológico e comportamental não se limitam apenas aos períodos ou culturas que lhes deram origem. Assim como Jung demonstrou nas suas obras, os antigos padrões míticos, os temas e os dramas, bem como os símbolos arquivados no inconsciente coletivo aparecem e se manifestam nos sonhos, fantasias, criações artísticas, histórias das vidas e dos relacionamentos humanos contemporâneos.

Mesmo que a sua origem e significados sejam ocultos ou enigmáticos para a nossa compreensão, eles podem ter um grande impacto emocional sobre nós. Este impacto é a marca sutil de um arquétipo, que atua no nosso campo astral e emocional, influenciando nosso comportamento e forma de agir ou reagir, mesmo que a nossa razão ou conhecimento intelectual não alcancem seu significado. Cada imagem ou padrão arquetípico pode se manifestar de forma sutil (nos sonhos ou emoções) ou no nível racional (na dinâmica dos relacionamentos pessoais ou coletivos). Esta manifestação dualística é importante ao estudar o mito de Deméter e Perséfone, vendo a manifestação dos personagens envolvidos (Deméter, Kore, Perséfone, Hades) como sendo aspectos, *personas* ou sombras de uma mesma mulher; ou interpretar o drama no contexto de uma relação entre duas mulheres (mãe e filha, irmãs, parentes, amigas, parceiras, terapeuta e cliente, mestra e discípula).

No entanto, devemos levar em consideração a visão que os povos antigos tinham sobre os mitos, que eles viam como representações de uma realidade espiritual, compatível com as suas crenças e práticas religiosas, os deuses sendo figuras multifacetadas da dimensão espiritual. A deusa Deméter não era apenas

uma simples mãe (de uma filha e dos grãos), mas uma deusa tríplice, contendo os aspectos de *Chloe* (a donzela da primavera) e de *Cthonia* (a anciã do mundo subterrâneo), todos associados ao ciclo da vida vegetativa.

Os seus ensinamentos eram os dons que a própria Natureza dava aos homens: como plantar, colher, seguir os ciclos naturais e das estações. A vida física não era oposta ao espírito, as vicissitudes do corpo e da idade respeitadas como reflexos dos processos naturais. Aquilo que acontecia na Natureza também se passava na vida humana. O fim do ciclo de vida de uma planta era o paradigma da morte humana; a semente abrigada na terra escura germinava e brotava, podendo frutificar (assim como *Perséfone* se tornou mãe), depois definhava e apodrecia. Mas ao se tornar composto, ela enriquecia e revitalizava o solo e desta morte fértil nasciam novas sementes, que germinavam, floresciam e frutificavam, a vida contida no fruto sendo liberada na sua morte. Manifestava-se assim o poder da Anciã, que recicla, sem parar, a morte para reiniciar e continuar o permanente ciclo da vida.

Ver-se como parte da Natureza, aceitar a dependência humana das Suas forças, participar no

eterno ciclo de transformação da vida em morte e novamente em vida, proporcionava aos povos antigos a vibrante e prometedora visão do destino humano. Os mortos eram “plantados” na terra e chamados de “povo de Deméter” (*Demeteroi*), ou cremados para acelerar a transformação, suas cinzas sendo entregues também à terra, para que a sua decomposição e fertilização do solo proporcionasse o desabrochar de uma nova vida. Na Natureza tudo é reciclado e modificado, nada permanece estático ou fixo, a única constante sendo a mudança que é a assinatura da continuidade. Não existe um processo linear, nem um começo ou um fim, nem a eternidade da vida ou da morte, por isso a transformação era a essência e a base das crenças espirituais pagãs.

Para compreendermos de fato a profundidade simbólica e a complexidade do mito grego de Deméter e Perséfone, devemos perceber e aceitar a riqueza e fluidez dos conceitos míticos e a sua atuação em nossa vida, procurando nos sintonizar com os ciclos naturais, aceitando as oposições, mudanças, contrariedades, conflitos e paradoxos que são inerentes à natureza humana.



Posta-restante

por Maria Amáziles



Maria,

A sua presença aqui neste espaço sagrado evidencia seu comprometimento com o retorno à verdade. É um privilégio de ter chegado até este ponto, você é uma das que ouviram o chamado, cuidaram de manter o coração limpo e os ouvidos abertos. Ao cultivar a humildade, você permanecerá atenta às palavras que inspiro ao seu coração, pois elas contêm as instruções para cada passo seu. Siga comigo, sempre, e você não se distanciará do farol que iluminará a jornada.

As águas têm o poder de promover a purificação de seu corpo, mas permita-se ir além, lavando seu coração e sua mente. Abandone agora, definitivamente, a necessidade tola de defender uma imagem que não reflita o que vai no seu interior. Não há o que temer, ao encarar tão profundo mergulho; trata-se de deixar morrer o que nunca viveu de fato. E, então, agradeça por sua vida, derrame sua gratidão ao seu redor, de maneira concreta. Deixe que seus olhos físicos percebam quão sincero é o reconhecimento cultivado em seu interior, amplie em ondas esse sentimento ao seu máximo limite, seja grata pela felicidade alheia, pelas flores de outros quintais, pelo amor dos que você sequer conhece... Somente assim, com alma e coração limpos e gratos, você estará pronta imergir, ao encontro da sua cura definitiva.

E então você poderá beber da minha taça, sorvendo a bebida sagrada que limpa definitivamente o seu olhar. Pois o último passo desta caminhada sou eu que dou por você, resgatando para a vida de verdade este seu coração cansado.

Perceba-se renascida e veja quantas seguem ao seu lado! Ao celebrar com cada uma de suas irmãs, é comigo que você festeja. Respire profundamente, ofereça a mim o seu melhor sorriso, pois emergir para a luz é o final da jornada. Confie, filha do meu coração. Em algum instante de sua existência, esse desafio já está superado. Basta sua coragem para despertar e constatar que isso já aconteceu.

Em liberdade e luz,

Aquela que é.



Lançamento

As Faces Escuras da Grande Mãe



Novo livro de Mirella Faur está disponível para pré-venda no site da Editora Alfabeto!

Visando a cura e a transformação da mulher, este inédito e muito bem documentado livro oferece orientações para explorar os recantos “escuros” e desafiadores da psique e, por meio de mitos, simbolismos e arquétipos, ampliar o autoconhecimento. Com a ajuda das práticas mágicas e meditações descritas, as buscadoras vão encontrar caminhos e meios para alcançar a sua integração e renovação, psíquica e espiritual.

Pré-venda através do link:

<http://www.editoraalfabeto.com.br/shop/as-faces-escuras-da-grande-mae/>

Mirella Faur

Romena da Transilvânia, naturalizada brasileira, com extensa formação científica e esotérica. Em Brasília, onde residiu por mais de vinte anos,

Mirella formou grupos e dirigiu círculos sagrados de mulheres, empenhadas no estudo, na vivência e na reverência aos princípios e valores da espiritualidade feminina. Inspirada na mitologia das tradições celtas, nórdicas, gregas, egípcias, orientais, afro-brasileiras e nativas americanas, ela desenvolveu um trabalho pioneiro promovendo celebrações públicas em plenilúnios, Roda do Ano e ritos de passagem.

Por meio de vivências, palestras, cursos, livros e publicações, no Brasil e no exterior, Mirella é conhecida como uma iniciadora e desbravadora na senda do Sagrado Feminino. É autora dos seguintes livros: Anuário da Grande Mãe. Guia prático de rituais para celebrar a Deusa (editora Alfabeto); O Legado da Deusa. Ritos de passagem para mulheres (a ser relançado no Encontro pela editora Alfabeto); Mistérios Nórdicos. Deuses. Runas. Magias. Rituais; Ragnarök. O crepúsculo dos Deuses; Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas. (Os três últimos publicados pela Editora Pensamento).

Contato: www.teiadethea.org

Facebook: <https://www.facebook.com/mirella.faur>



Agenda

Plenilúnio: Celebração da Deusa Lakshmi

Dia 16 de outubro (domingo) às 20h

∴ Somente para mulheres ∴

Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília/DF

Energia de troca R\$ 20,00

Informações: +55 61 98233-7949

<p>Expediente Jornal Deusa Viva deusaviva@teiadethea.org</p> <p>Edição e Diagramação: Stella Matta Machado e Cristiane Madeira Ximenes</p> <p>Textos: Mirella Faur e Maria Amaziles</p> <p>Imagens: Rede mundial de computadores</p> <p>Informações: www.teiadethea.org</p> <p>Contatos: Telefone (61) 98233.7949</p> <p>E-mail: teiadethea@teiadethea.org</p>
